

EDUCAÇÃO FÍSICA: DA CONCEPÇÃO ESTRATIGRÁFICA À CONCEPÇÃO SINTÉTICA

PHYSICAL EDUCATION: FROM CONCEPTION STRATIGRAPHIC TO THE CONCEPTION SYNTHETIC

Jocimar Daolio¹

Resumo

A partir da crítica de Clifford Geertz à concepção estratigráfica de natureza humana e de sua proposta de concepção sintética, este trabalho faz uma aproximação com a área de Educação Física, mostrando como esta área ainda é refém da visão estratigráfica. Também aponta para algumas implicações da concepção sintética para a área de Educação Física.

Palavras chave: Educação Física; Antropologia; Natureza Humana.

Abstract

From the critique of Clifford Geertz to the conception stratigraphic of the human nature and the synthetic conception of its proposal, this work presents an approach to the field of Physical Education, showing how this area is still hostage to the stratigraphic vision. Also points to some implications of synthetic conception to the area of Physical Education.

Keywords: Physical Education, Anthropology, Human Nature.

¹ Professor titular do Departamento de Educação Física e Humanidades, da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

Introdução

A década de 1980 será sempre reconhecida na Educação Física brasileira como o período em que se iniciou uma profunda revisão e ampliação teórica na área, principalmente a partir de referenciais teóricos oriundos das Ciências Humanas. Alguns trabalhos acadêmicos se debruçaram sobre esse período analisando a contribuição específica de vários autores e dos impactos desse aporte teórico². Uma das decorrências dessa ampliação teórica veio da área da Antropologia Social, na qual vários autores tentaram participar de alguma forma³. Dentre as contribuições da Antropologia Social que fizeram eco na área de Educação Física e criaram novas perspectivas de estudo estão as obras de Clifford Geertz, sobretudo sua concepção de natureza humana, elaborada a partir da interessante releitura que fez da evolução humana. Outras contribuições de Geertz têm sido úteis para as reflexões da área de Educação Física, como a noção de cultura pública, a visão de Antropologia como ciência interpretativa e sua concepção de etnografia, chamada por ele de “descrição densa”, mas fogem ao objetivo aqui proposto, que é discutir a concepção de Clifford Geertz de natureza humana e tecer algumas relações com a Educação Física.

A Antropologia Interpretativa de Geertz

Clifford Geertz⁴ foi um antropólogo norte-americano conhecido por ter criado a chamada Antropologia Interpretativa, tendo decisiva participação na vida acadêmica mundial durante a segunda metade do século XX e início do XXI, não somente na Antropologia, mas

² Não é objetivo deste trabalho analisar a produção acadêmica da década de 1980 na área de Educação Física nem seus impactos. Podem ser citados alguns trabalhos que tomaram como objeto de estudo esse período, dentre eles Oliveira (1994), Daolio (1998), Caparroz (2007) e Bracht (2010).

³ Sugere-se a leitura dos capítulos “Antropologia e Educação Física”, de José Guilherme Magnani e “A Antropologia Social e a Educação Física: possibilidades de encontro”, de Jocimar Daolio, ambos presentes no livro Educação Física e Ciências Humanas, organizado por Yara Carvalho e Katia Rubio, de 2001. Esses trabalhos reconhecem a relação entre a Antropologia e a Educação Física, apontando alguns aspectos dessa aproximação.

⁴ Clifford Geertz nasceu nos Estados Unidos em 1926 e faleceu em 2006. Sua obra mais conhecida é “A Interpretação das Culturas”, publicada nos Estados Unidos em 1973 e, no Brasil em 1978. Posteriormente, publicou “O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa” (em 1983 nos Estados Unidos e em 1997 no Brasil), “Obras e Vidas: o antropólogo como autor” (1988 e 2002, respectivamente nos Estados Unidos e no Brasil) e “Nova Luz sobre a Antropologia” (2000 e 2001, idem), além de outras publicações.

em várias áreas do conhecimento, para onde suas contribuições foram levadas e são ainda largamente referenciadas. Foi influenciado pela filosofia de Ludwig Wittgenstein e pela hermenêutica de Martin Heidegger e Paul Ricoeur.

Para Geertz, a Antropologia não deve ser vista como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência eminentemente interpretativa à procura do significado, na tentativa não de decodificação de símbolos em si, mas como esclarecimento e compreensão dos significados das ações humanas em situações específicas. Para o autor, a antropólogo deve procurar compreender a dinâmica cultural do grupo analisado como se tentasse “[...] ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos [...]” (GERTZ, 1989, p.20). Utilizando a metáfora de Max Weber de que o ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, Geertz assume a cultura como sendo essas teias e, para sua análise, é necessária a compreensão das formas simbólicas humanas por meio da leitura da cultura de um povo como se fosse um conjunto de textos (GEERTZ, 1989).

É com essa abordagem que o autor defende a etnografia – método originário na Antropologia – como uma “descrição densa”, empreendimento que teria por finalidade traçar a curva de um discurso social, fixando-o numa forma inspecionável. Geertz afirma que

[...] a etnografia é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis (1989, p.31).

Além dessas características, Geertz afirma também que a etnografia é microscópica, ou seja, ocorre em pequena escala. Aborda assuntos complexos, porém em situações particulares, gerando um acervo de interpretações possíveis sobre esses temas, expondo a diversidade da condição humana.

Para o autor, realizar a interpretação etnográfica implica assumir a intersubjetividade, ou seja, a consideração do “outro” no mesmo tempo histórico que o pesquisador e em contínua relação com ele. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1988), a Antropologia Interpretativa de Geertz, baseada no paradigma hermenêutico, rompe com a tradição da Antropologia sustentada em paradigmas da ordem, que buscava na descrição etnográfica certa objetividade, e assume o sujeito na sua condição socializada. A partir daí é possível assumir a inter-subjetividade na relação do pesquisador com o sujeito pesquisado. Segundo o autor, “a

subjetividade que, liberada da coerção da objetividade, toma sua forma socializada, assumindo-se como inter-subjetividade” (OLIVEIRA, 1988, p.97).

A cultura, para Geertz, é eminentemente pública, porque o significado é público, existindo no cotidiano de todo e qualquer grupo humano. Afirma ele: *“A cultura, esse documento de atuação, é portanto pública (...) Embora uma ideação, não existe na cabeça de alguém; embora não-física, não é uma identidade oculta” (GEERTZ, 1989, p.20).* Isso quer dizer que a cultura, para Geertz, está presente no cotidiano de todos os seres humanos, porque é constituinte da dinâmica humana e está em constante elaboração nas relações que as pessoas mantêm entre si e com o mundo.

Para o autor, o que tem prejudicado esta compreensão local e contextualizada de cultura é a ideia ainda reinante de ser humano universal e a busca de elementos comuns em todos eles. Ou seja, os estudos das várias áreas científicas têm utilizado os padrões culturais no sentido de buscar elementos comuns entre os vários agrupamentos espalhados pelo mundo, procurando chegar à explicação universal da existência humana ou, como diz o autor, à busca de um consenso geral de toda a humanidade, um *consensus gentium* (GEERTZ, 1989, p.50). A partir das generalidades culturais humanas, o passo seguinte seria relacioná-las com aspectos biológicos, psicológicos e sociológicos, como se fossem pontos invariantes de referência. Com esse objetivo se estaria conseguindo definir um ser humano universal, com algumas características comuns tanto culturais como biológicas, psicológicas e sociológicas. Esse desejo foi predominante durante as primeiras décadas do século XX e ainda é presente atualmente, com a intenção de encontrar um consenso geral sobre o que é ser realmente humano, ou, no dizer de Geertz, o *“mais baixo denominador comum da humanidade”* (GEERTZ, 1989, p.55). Porém o autor argumenta que este ser humano genérico não existe, já que é por meio das particularidades culturais que a humanidade se apresenta. Geertz defende que esta concepção tem prejudicado a compreensão de um ser humano real e concreto.

Concepção Estratigráfica e Concepção Sintética de Natureza Humana

Para Geertz, o esforço de definir um ser humano universal, ou uma natureza humana única, não daria conta de compreender as particularidades das inúmeras formas de vida. Afirma o autor: *“Pode ser que nas particularidades culturais dos povos – nas suas esquisitices – sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é ser genericamente humano” (GEERTZ, 1989, p.55).*

Nesse empreendimento, Geertz refuta o que ele chamou de “concepção estratigráfica” de natureza humana, fruto de uma leitura linear do processo evolutivo humano a partir da qual houve um desenvolvimento anterior do sistema nervoso que possibilitou posteriormente a produção cultural. Segundo ele, esta concepção ainda está presente em muitos estudos atuais e professa que os fatores biológico, psicológico, social e cultural estariam superpostos hierarquicamente em níveis ou estratos. Afirma Geertz:

À medida que se analisa o homem, retira-se camada após camada, sendo cada uma dessas camadas completa e irredutível em si mesma, e revelando uma outra espécie de camada muito diferente embaixo dela. Retiram-se as variegadas formas de cultura e se encontram as regularidades estruturais e funcionais da organização social. Descascam-se estas, por sua vez, e se encontram debaixo os fatores psicológicos que as suportam e as tornam possíveis. Retiram-se os fatores psicológicos e surgem então os fundamentos biológicos – anatômicos, fisiológicos, neurológicos – de todo o edifício da vida humana” (1989, p.49).

Segundo o autor, essa concepção serviu – e ainda serve – para fragmentar o ser humano em camadas, obscurecendo a visão de um todo indissociável e também, como consequência, garantindo independência e soberania às disciplinas acadêmicas na explicação da natureza humana, o que também contribuiu para sua não superação. A Biologia se responsabilizaria pelos aspectos inerentes ao funcionamento anátomo-fisiológico do ser humano; a Psicologia ficaria com as questões internas à psique e às motivações inconscientes; à Sociologia caberia a compreensão das relações sociais e da organização social; e, finalmente, haveria também espaço para a Antropologia, responsável pelas questões culturais, isoladas de todos os outros aspectos. Reunindo-se todas essas camadas, níveis ou estratos, teríamos o ser humano integral, o que permitiria aceitação dessa visão estratigráfica, porque numa rápida análise poderia-se compreender que o ser humano estaria inteiro e seria passível de estudos pelas várias disciplinas científicas, garantindo certa linearidade e conforto a esse pensamento, o que dificultaria sua contraposição (GEERTZ, 1989).

Porém, o mais grave da concepção estratigráfica é a consequência em relação à compreensão de que, para se chegar ao ser humano integral bastaria somar as análises de cada

uma das áreas acadêmicas. E, ao se fazer essa junção dos vários estratos, a Cultura surgiria como consequência da maturação de organizações anteriores do ser humano, como se fosse um “verniz”, um complemento ou a “cereja do bolo”, tornando-se secundária nas explicações das ações humanas.

A figura abaixo procura apresentar ilustrativamente a concepção estratigráfica criticada por Geertz:

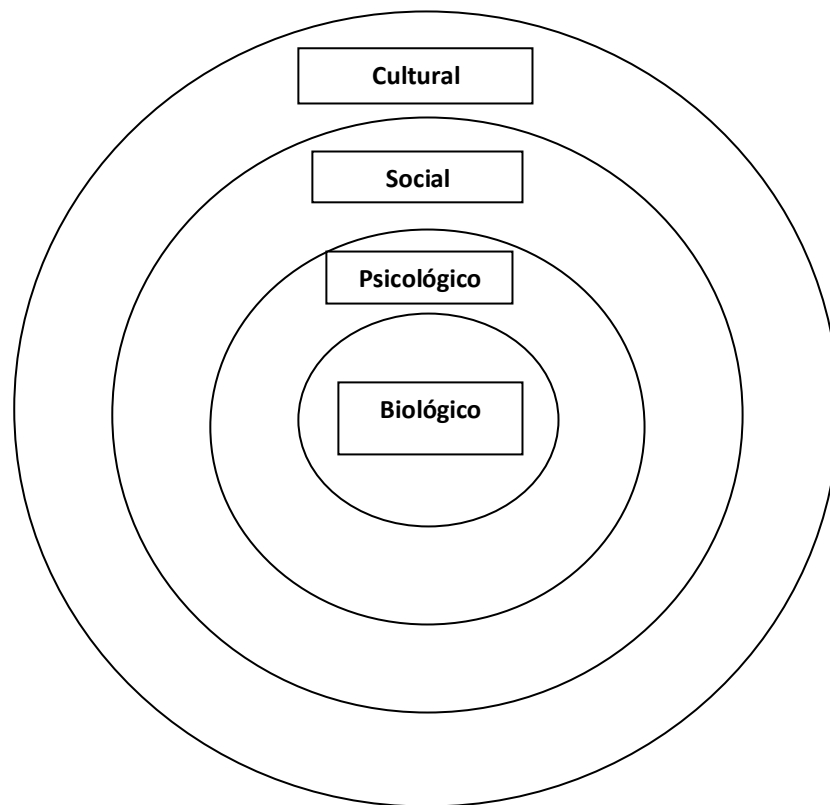


Fig. 1: Concepção Estratigráfica de Natureza Humana (baseada em Clifford Geertz, 1989)

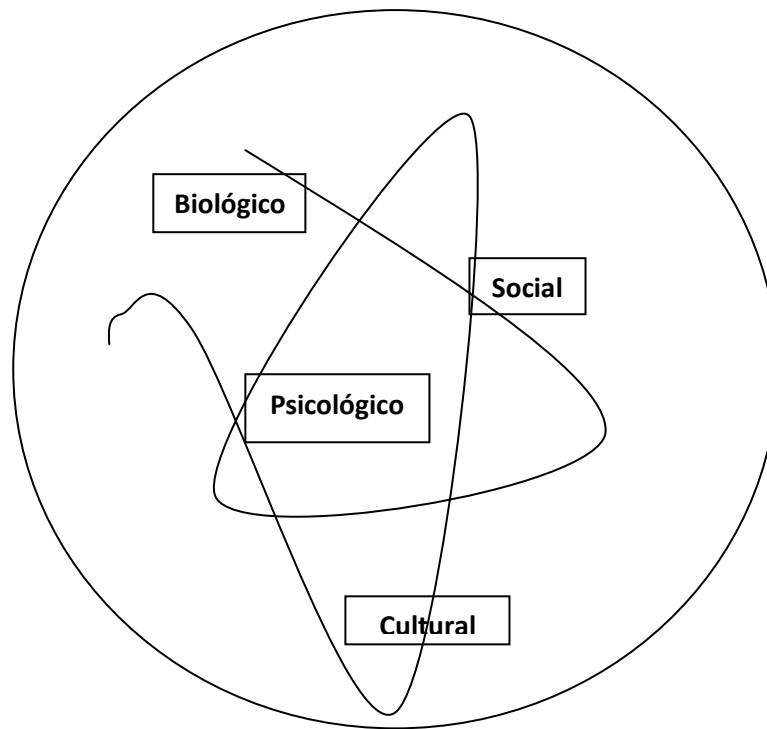
A fim de refutar a concepção estratigráfica, Geertz defende uma “concepção sintética” de natureza humana, a partir da qual todas as dimensões (biológica, psicológica, social e cultural) estão presentes no ser humano como variáveis num sistema unitário de análise, preservando a unidade humana. Ao invés de tentar buscar características humanas universais, e por isso mesmo abstratas, Geertz opta pela análise dessas variáveis em situações culturais particulares (GEERTZ, 1989).

Na concepção estratigráfica, como já mostrado, há clara separação entre os níveis, estando a dimensão biológica no centro do modelo. Esse modelo tem como origem a concepção de que o componente biológico humano foi formado inicial e anteriormente à cultura ao longo da evolução humana, sendo este o responsável pelo desenvolvimento posterior, tanto das manifestações psicológicas, da organização social e da produção cultural até se chegar ao *homo sapiens*. A cultura, nessa perspectiva, seria secundária e complementar à formação do sistema nervoso humano. Por outro lado, na concepção sintética defendida por Geertz, o pressuposto é que houve simultaneidade no desenvolvimento dos aspectos culturais e biológicos durante a evolução humana, tendo um aspecto influenciado o outro simultaneamente, culminando com o *homo sapiens*, esse ser inteligente que conseguiu sobreviver às adversidades do meio (GEERTZ, 1989).

De fato, se na visão linear da evolução humana foi necessário o desenvolvimento do sistema nervoso para se chegar à produção cultural, numa leitura da filogênese que considere a simultaneidade dos processos orgânicos e culturais, um processo teria influenciado o outro ao mesmo tempo. Geertz remete-se aos achados arqueológicos encontrados, datando os primeiros esqueletos hominídeos em cerca de quatro milhões de anos como simultâneos aos primeiros indícios de uma protocultura, o que sugere que as influências orgânicas e culturais foram recíprocas. O crânio do *homo sapiens* é cerca de três vezes maior que o dos primeiros hominídeos, o que permite concluir que o grande desenvolvimento do sistema nervoso, com o surgimento do neocórtex, teria se dado posteriormente, ratificando a proposição da influência simultânea e recíproca entre desenvolvimento cultural e desenvolvimento orgânico.

Se na concepção estratigráfica de natureza humana há clara oposição entre natureza – entendida exclusivamente como biológica – e cultura, na concepção sintética proposta por Geertz há a ocorrência simultânea desses dois aspectos na dinâmica comportamental do ser humano. Se na primeira todas as ações humanas devem ser referidas à causalidade biológica, na segunda há que se buscar a constante interação entre as dimensões biológica e cultural. Se naquela a cultura constitui-se apenas como um manto que se superpõe ao sistema nervoso, relativizando os comportamentos humanos, nesta a cultura é constituinte da própria natureza humana.

A figura abaixo procura retratar a concepção sintética de natureza humana proposta por Geertz:



**Fig. 2: Concepção Sintética de Natureza Humana
(baseada em Clifford Geertz, 1989)**

A tentativa de Geertz quando propõe a concepção sintética, e nossa quando tentamos apresentá-la na imagem acima, é a de relacionar os vários aspectos e características humanas de forma unitária. O autor exemplifica esse comportamento unitário humano dando exemplos sobre ações como o falar, o comer e o sentir. Afirma Geertz que, para o ser humano, a questão

Não é apenas falar, é emitir as palavras e frases apropriadas, nas situações sociais apropriadas, no tom de voz apropriado e com a indireção evasiva apropriada. Não é apenas comer: é preferir certos alimentos, cozidos de certas maneiras, e seguir uma etiqueta rígida à mesa ao consumi-los. Não é apenas sentir, mas sentir certas emoções [...] (GEERTZ, 1989, p.65).

É possível também relacionar a proposta de concepção sintética de Geertz com a importante noção, nas Ciências Humanas, de Fato Social Total, expressão cunhada por Marcel Mauss, antropólogo francês que já nas primeiras décadas do século XX afirmava a

totalidade humana e tentava estabelecer relações entre a Sociologia, a Psicologia e a Fisiologia. Em um trabalho com o interessante título “A expressão obrigatória de sentimentos”, discutindo sobre a lágrima e outras manifestações humanas de sentimento, Marcel Mauss procurava estabelecer conexões entre esses campos afirmando

Não só o choro, mas toda uma espécie de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação (MAUSS, 1979, p.147).

Em outro trabalho, Mauss defendia a totalidade do ser humano, afirmando que não é possível dividi-lo em faculdades, o que também aproxima e antecipa a visão da noção sintética de natureza humana de Geertz.

No fundo, tudo aqui se mistura, corpo, alma, sociedade. Não são mais fatos especiais dessa ou daquela parte da mentalidade, são fatos de uma ordem muito complexa, a mais complexa imaginável, que nos interessam. É o que chamo fenômenos de *totalidade*, dos quais participam não apenas o grupo, mas também, por ele, todas as personalidades, todos os indivíduos em sua integridade moral, social, mental e, sobretudo, corporal e material (MAUSS, 2003, p.336).

Essas afirmações de Mauss sobre a totalidade humana e a proposta de concepção sintética de natureza humana de Geertz remetem-nos diretamente para a problemática da Educação Física, permitindo algumas ilações e sugestões.

Implicações para a Educação Física

A partir da refutação de Geertz à concepção estratigráfica de natureza humana e da defesa da concepção sintética é possível pensar como outras áreas acadêmicas além da Antropologia têm discutido essa questão. Como se sabe, a área de Educação Física – nosso objeto de interesse – tradicionalmente privilegiou em suas explicações sobre o ser humano e em suas justificativas de intervenção uma concepção predominantemente biológica de ser humano, como uma ação externa sobre um corpo físico, como se houvesse uma dimensão

física natural isolada da totalidade biológica, cultural, social e psíquica. Embora por vezes tenha reconhecido a concorrência de outras influências, tanto culturais como sociais, sobre o ser humano – processo esse que tem se mostrado mais presente nos últimos anos –, a visão primordial era a biológica, o que confirma seu pressuposto estratigráfico. Em síntese, pode-se afirmar que na Educação Física sempre houve *naturalidade* da explicação *naturalista* da *natureza* humana, utilizando intencionalmente a redundância. A origem dessa visão, claramente conhecida e já pesquisada por historiadores, está nos primórdios médicos e naturalistas da área de Educação Física, porém ainda se reflete atualmente em concepções que desconsideram o caráter fundante da cultura na evolução humana⁵. Valter Bracht, explicando a crise de identidade da Educação Física, afirmava a dependência desta em relação a outras disciplinas científicas, chegando a ser “colonizada” epistemologicamente por outras disciplinas (BRACHT, 1999).

Alguns exemplos podem ser citados sobre a influência da concepção estratigráfica presente na Educação Física. Talvez o mais evidente esteja visível nos currículos de cursos de graduação das Faculdades de Educação Física que, na sua quase totalidade, priorizam a organização curricular inicial enfatizando as disciplinas de cunho biológico (tais como Anatomia, Fisiologia, Bioquímica etc.) como se constituíssem em base necessária para as aplicações posteriores. Ora, o que justificaria essa organização se não fosse o pressuposto estratigráfico de que os conhecimentos biológicos devem ser garantidos inicialmente? É interessante pontuar o caráter “natural” e consensual dessa organização curricular, que parece não gerar grandes conflitos ou dúvidas, como se sempre tivesse sido assim, o que mais uma vez indica a predominância estratigráfica. Porém, também seria plenamente possível outra organização curricular, que partisse da intervenção pedagógica com os conteúdos específicos da área de Educação Física (como o esporte, o jogo, a ginástica, a luta, a dança) e, a partir deles, o estudo dos fundamentos biológicos, psicológicos, sociais e culturais que explicam e relacionam esses conteúdos.

Outro exemplo estratigráfico pode ser visto em publicações da área, que insistem em esclarecer os fundamentos biológicos do corpo e do movimento humanos antes de discutir a intervenção pedagógica específica da Educação Física. Um exemplo de publicações que partem dessa concepção é o livro “Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem

⁵ Um dos principais trabalhos brasileiros sobre os primórdios da Educação Física e sua concepção naturalista de ser humano é o livro “Educação Física: raízes europeias e Brasil”, de Carmen Soares, 1994.

desenvolvimentista”, de Go Tani, Edison de Jesus Manoel, Eduardo Kokubun e José Elias de Proença, importante e influente obra da área, editado em 1988. Neste livro há uma longa apresentação inicial dos aspectos biológicos do desenvolvimento, o funcionamento dos sistemas orgânicos, o funcionamento do sistema muscular, mecanismos celulares etc., para, finalmente, serem apresentadas as implicações para a Educação Física Escolar nessa abordagem, priorizando claramente estas explicações em detrimento das variáveis culturais, psicológicas e sociais, confirmando também sua natureza estratigráfica. Não se trata de criticar a concepção teórica desta obra, absolutamente legítima, mas seu pressuposto estratigráfico, uma vez que insiste em esclarecer inicialmente as chamadas bases biológicas do movimento antes e separadamente de sua aplicação.

É interessante como vários livros da área de Educação Física, não necessariamente específicos sobre as bases biológicas do movimento humano, possuem um primeiro capítulo ou uma introdução reafirmando as já conhecidas fases do desenvolvimento motor ou os pressupostos do funcionamento do sistema nervoso antes de entrar na temática da intervenção pedagógica da Educação Física, muitas vezes objetivo do livro. Isso quando não explicitam as atividades próprias da intervenção da área de Educação Física apenas como consequência do desenvolvimento dos sistemas orgânicos ou apenas a serviço deles.

Outro exemplo que pode ser apresentado é a discussão sobre o talento esportivo, recorrente na área de Educação Física, que também está de certa forma contaminada por explicações naturalistas, confirmando também o pressuposto estratigráfico nas discussões da área. Os fatores socioculturais sobre o talento esportivo, embora reconhecidos pelos autores estudiosos sobre o tema, não são enfatizados na discussão, como se bastasse detectar precocemente o talento esportivo a partir de indicativos biológicos, genéticos ou de constituição corporal para se chegar aos atletas de alto nível. Ora, essa prioridade naturalista – e, portanto, estratigráfica – nas explicações sobre o talento esportivo é também uma construção sociocultural que responde a certos interesses e a certas demandas simbólicas da sociedade em várias épocas históricas. Só existe interesse na detecção de talentos esportivos se o rendimento esportivo for tomado na sociedade como valor importante. Daí a relação com a questão dos mitos esportivos e a demanda social pela identificação com esses mitos, fato explorado pelos veículos midiáticos de forma geral (BOLONHINI & DAOLIO, 2010).

Se a história, como se sabe, mostra a tradição das explicações naturalistas para as ações da Educação Física, o esforço, a partir da leitura da Antropologia de Geertz – e também as contribuições de Mauss –, é justamente o de tentar tornar a concepção sintética mais presente na Educação Física, mostrando os limites e dificuldades encontradas a partir das

explicações estratigráficas, ao mesmo tempo em que se deve apresentar as vantagens e ampliações possíveis a partir da concepção sintética. Não se trata de negar os fatores de ordem biológica ou psicológica, mas, como sugere Geertz, considerá-los, juntamente com os fatores culturais, como variáveis em sistema unitário de análise. Essa tarefa não é simples, nem na Educação Física nem em outras áreas do conhecimento, uma vez que a concepção estratigráfica está presente na própria disciplinarização da ciência, da própria Universidade e também dos órgãos de fomento à pesquisa. Apesar de algumas críticas, ainda há grande predomínio em concepções fragmentadas de ciência, fato que é claramente comprovado nas rígidas divisões de áreas, disciplinas e cursos nas Universidades do Brasil e do mundo.

Contribuições de alguns autores da Educação Física vêm se aproximando atualmente da proposta de Geertz de pensar a natureza humana a partir da concepção sintética. Um exemplo recente é o trabalho de Mauro Betti, Pierre Normando Gomes-da-Silva e Eliane Gomes-da-Silva, que apresenta a Semiótica de Charles Peirce – autor que também influenciou Geertz –, afirmando que esta abordagem permite lançar novos olhares epistêmicos para a análise e intervenção na Educação Física. Afirmam os autores

É preciso compreender que o objeto de investigação/intervenção da EF associa os processos fisiológicos e a significação cultural. A gota de suor que escorre na pele de um atleta, de uma criança que brinca ou de alguém que dança, faz parte de uma rede de comunicação - de enzimas, hormônios, sinapses nervosas, oxigênio, sensações, emoções, valores, conhecimento, contexto, cultura, meio-ambiente, indivíduo, espécie, povo, sociedade, nação, planeta, universo...

Do ponto de vista semiótico, aquela gota de suor é signo, ela indica algo, está, para alguém que a interpreta, no lugar de algo mais complexo – processos fisiológicos, psíquicos e sociais. Ou seja, a EF não pode se restringir a uma cultura corporal, nem a uma fisiologia do exercício, devemos pensá-la como o conjunto dos processos orgânicos/filogenéticos e sócio-históricos, presentes no movimentar-se mais espontâneo da vida cotidiana ou em movimentos corporais organizados em sistemas gestuais, como práticas sistemáticas e intencionadas, das ações circenses aos treinamentos resistidos ou funcionais (BETTI; GOMES-DA-SILVA P.N.; GOMES-DA-SILVA,E., 2013, p.92-93).

Outros exemplos podem ser citados no sentido de pensar a importância e necessidade de a Educação Física assumir a concepção sintética. Como compreender o jogo de futebol de funcionários de uma fábrica na hora do almoço, sob um sol de 40 graus, com macacão e sapato inadequados para esse jogo e sobre um asfalto ainda mais quente sem considerar o significado dessa atividade de lazer em oposição ao trabalho rotineiro e monótono diante das máquinas? Uma explicação somente a partir do gasto calórico da atividade em questão poderia julgar desnecessária essa prática em hora de descanso do trabalho. Ainda que correta, essa explicação não alcançaria a totalidade desta ação humana. Poderia-se dizer que, ao nível dos sentidos e significados, os suores causados na fábrica e no futebol são diferentes, embora, ao nível bioquímico, sejam indiferenciados.

Ou como compreender as distintas apropriações de corpo que realizam constantemente meninos e meninas nas aulas de Educação Física, que os(as) inserem em certas atividades e os(as) retiram de outras, se não forem considerados que os usos do corpo, construídos histórica e culturalmente e tipificados por gênero, dependem dos sentidos que cada grupo dá a eles. Ou, ainda, como compreender a distinção entre a lágrima de vitória e a lágrima de derrota numa situação esportiva, absolutamente diferentes em termos de sentidos e significados, mas idênticas como processo biológico?

A partir do aporte dos conhecimentos oriundos das Ciências Humanas nos últimos anos, a Educação Física tem ampliado a noção de corpo que utiliza, em direção a uma visão mais sintética que supera as definições exclusivamente biológicas. Se esse processo acadêmico foi – e ainda tem sido – extremamente rico e promissor em direção a uma visão mais sintética de ser humano, há o risco de substituir uma estratigrafia centrada nas explicações biológicas por outra centrada nas explicações psicológicas ou socioculturais. Esse processo ocorreu em alguma medida na história recente da Educação Física, criando-se a falsa oposição entre natureza e cultura, ou entre os processos biológico e cultural no desenvolvimento humano⁶. De fato, a concepção estratigráfica não pode ser considerada como sinônima de exclusividade biológica nas explicações das ações humanas.

Esse risco de uma estratigrafia centrada nas explicações socioculturais já foi apresentado de forma semelhante por Mauro Betti (2007) quando afirmava que a concepção culturalista surgida nas décadas de 1980 e 1990 como uma resposta adequada para os

⁶ A esse respeito sugere-se a leitura do texto “A Ruptura Natureza/Cultura na Educação Física” (DAOLIO, 2006).

impasses teóricos denunciados pela crise de identidade por que passou a Educação Física, incorreu num “dilema culturalista”, pois tornou-se um discurso sobre a cultura corporal de movimento e não uma ação pedagógica com ela, perdendo assim sua especificidade.

Considerações Finais

Para o professor de Educação Física em atuação nos vários âmbitos profissionais, a tarefa, a partir da concepção sintética de natureza humana, poderia ser a de tentar alcançar os seus alunos e alunas nos seus vários interesses e características, considerando-os que são seres ao mesmo tempo biológicos, psicológicos, sociais e culturais, e evitando as tradicionais dicotomias mente X corpo, cognição X emoção, indivíduo X sociedade, teoria X prática etc. Acredito que uma postura profissional de acordo com a visão sintética de Geertz seria capaz de atuações mais efetivas, considerando o ser humano de forma integral, sem fragmentá-lo em dimensões ou estratos e sem fragmentar a Educação Física.

No plano das discussões epistemológicas a aceitação da concepção sintética de natureza humana poderia estimular a tarefa de busca constante do necessário diálogo entre as várias disciplinas científicas que dão suporte à Educação Física e também entre as várias abordagens que compõem a área. Nesse sentido, a sugestão de Clifford Geertz pode nos auxiliar mais uma vez. Segundo ele, seria necessário criar um “vocabulário” a partir do qual as diferenças entre posições acadêmicas possam ser explicitadas, aceitas, compreendidas e formuladas publicamente (GEERTZ, 1997).

Referências

- BETTI, Mauro. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.18, n.2, p.207-217, 2007.
- BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; GOMES-DA-SILVA, Eliane. Uma gota de suor e o universo da educação física: um olhar semiótico para as práticas corporais. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.31, n.1, p.91-106, 2013.
- BOLONHINI, Larissa Zink; DAOLIO, Jocimar. Subsídios para uma abordagem sociocultural sobre o talento esportivo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.21, n.1, p.79-86, 1.trim.2010.

- BRACHT, Valter. **Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.
- BRACHT, Valter. A educação física brasileira e a crise da década de 1980: entre a solidez e a liquidez. In: MEDINA, João Paulo S. **A educação física cuida do corpo... e 'mente'**. 25ed. Campinas: Papirus, 2010.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola**. 3ed. Campinas: Autores Associados, 2007.
- CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas: Papirus, 1998.
- DAOLIO, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- DAOLIO, Jocimar. A ruptura natureza/cultura na educação física. In: DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 3ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Antropologia e educação física. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia (Orgs.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimentos. In: OLIVEIRA Roberto Cardoso de (Org.). **Marcel Mauss: antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Ministério da Ciência e Tecnologia, 1988.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papirus, 1994.
- SOARES, Carmen L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.
- TANI, Go et al. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo, EPU/EDUSP: 1988.